



## A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NO LIVRO DIDÁTICO: CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE

Pedro Henrique de Santana<sup>1</sup>, Clecio dos Santos Bunzen Júnior<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Aluno do Curso de Licenciatura em Letras Português-UFPE e bolsista da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE)

<sup>2</sup>Professor Dr. do Curso de Letras e Pedagogia-UFPE-CE-DEC  
[pedro.henriquesantana@ufpe.br](mailto:pedro.henriquesantana@ufpe.br), [clecio.bunzen@ufpe.br](mailto:clecio.bunzen@ufpe.br)

### RESUMO

A escola, enquanto espaço sociocultural e heterogêneo, foi sofrendo, ao longo de sua existência, consideráveis transformações. Isso fica evidente, por exemplo, quando o ensino tradicional passa a ser questionado, a educação sexista entra em declínio e as camadas populares passam a ter acesso ao espaço educativo formal, outrora delegado apenas à classe dominante. No entanto, há um objeto muito antigo que continua incólume: o Livro Didático. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo norteador articular as concepções e os usos do material didático na sala de aula, defendendo que a qualidade da formação, inicial ou continuada, deve ser superior ao Livro Didático (doravante, LD) adotado pelo professor, que aqui, estará concentrado no professor de português. Em seguida, será apresentada uma análise de um volume de LDP do PNLD 2024 do 6º ano, evidenciando o lugar que a literatura e a leitura de literatura ocupam na obra. Para tanto, fundamentamos nossos estudos com base nas ideias de Bunzen (2000, 2005, 2009), Lajolo (1996, 2002), Lima (2016) entre outros, bem como em reflexões sobre ensino de língua materna levantadas por Geraldini (1984, 1987, 1991), Soares (2002), Suassuna (2009) entre outros. Diante disso, o seguinte estudo, apoiado na pesquisa documental e de cunho quantitativo, mostra que, apesar das críticas, o LDP continua ocupando lugar de privilégio nas instituições de ensino básico do Brasil e influenciando na ação pedagógica.

**Palavras-chave:** Livro Didático de Português. Ensino de Língua Materna. Formação docente.

### 1 INTRODUÇÃO

O livro didático (doravante LD), enquanto objeto cultural e auxiliar para a prática docente, é um material complexo que ainda divide opiniões de pesquisadores mesmo depois de tantos anos ocupando lugar de privilégio nas salas de aula brasileiras. Assim, gostem ou não certos linguistas, nas palavras de Morais (2015), a didatização formal da língua é dever da escola, mas cabe a ela, também, fazer essa articulação escolarizada de forma significativa e original, enxergando o LD como um material multifacetado que pode contribuir no processo das aprendizagens, e não como a aula em sua totalidade<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Ver BUNZEN, Clecio. Dinâmicas discursivas na aula de português: o uso do livro didático e projetos didáticos autorais. 2009. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Nessa perspectiva, levando em consideração a situação atual da educação pública brasileira e seus desafios - ausência de instrumentos tecnológicos, estudantes socioeconomicamente desfavorecidos sem acesso e experiências com a leitura literária (impressa/escrita) e a carência de espaços de leituras como a biblioteca - faz do Livro Didático de Português (doravante LDP) praticamente o único material acessível para pesquisa e para a leitura de textos, sejam eles literários ou não. Isso levou a Batista; Rojo e Zúñiga (2005) a constatarem que é no LDP que a população brasileira, muitas vezes, inserem-se na cultura escrita em um país que, segundo as colocações dos autores, tem uma parcimoniosa distribuição do livro. Essas questões trazem à tona a complexidade do LDP, o que faz dele um material multifacetado, que atravessa diversas vozes (Bunzen, 2005), um objeto para a pesquisa e historicamente situado (Lima, 2012).

Atendendo às exigências do Ministério da Educação e sendo um terreno fértil-lucrativo para o setor editorial brasileiro, a sua longa história como recurso educacional não afetou sua validade (Lima, 2016). Por isso, consideramos importante o estudo desse material, porque estudar o LDP e sua história é estudar, também, o ensino de português no contexto brasileiro e suas diferentes concepções ao longo do tempo. Assim, esses movimentos sociodiscursivos de estudos em torno do material didático são questões importantes a serem refletidas na formação inicial, como bem questiona Lima (2016). Em sua pesquisa intitulada “O lugar da discussão sobre o livro didático na formação inicial do professor de português”, a autora defende que é na universidade, lugar privilegiado para a formação-construção docente, que debates dessa natureza devem acontecer, formando o professor autônomo e autêntico, independente da sua adoção ou não do LD. Nas palavras de Lima (2016, p.68):

Quanto mais conhecimentos dessa natureza forem construídos na universidade, mais condições terão os professores de serem autores de suas práticas, de produzirem seus próprios materiais e de utilizarem o LD de forma autônoma e desapegada, de modo que ele esteja a serviço das suas práticas e não do inverso, como já foi dito.

## **2 CONCEPÇÕES E USOS DO LDP: AS MUITAS FACETAS**

O ensino de Língua Portuguesa no Brasil atravessou profundas mudanças ao longo de sua história enquanto disciplina curricular. Essas transformações se fizeram necessárias porque a pedagogia tradicional já apresentava sinais de cansaço e só o estudo do objeto gramatical não dava conta da complexidade da língua (cf. Soares, 2002). Por isso, foi preciso debates, no campo teórico, que tratassem de questões em torno de metodologias mais renovadas, um olhar

holístico para as práticas de avaliação, uma mudança paradigmática na concepção de linguagem etc.

Seguindo esse raciocínio, o LDP, por ser um objeto cultural da escola brasileira, também foi material de questionamentos, principalmente quando falamos da autonomia docente e do uso crítico desse material. Didático, então, como define Lajolo (1996, p. 04)

é o livro que vai ser utilizado em aulas e cursos, que provavelmente foi escrito, editado, vendido e comprado, tendo em vista essa utilização escolar e sistemática. Sua importância aumenta ainda mais em países como o Brasil, onde uma precaríssima situação educacional faz com que ele acabe determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, marcando, pois, de forma decisiva, o que se ensina e como se ensina o que ensina (p. 4).

E é exatamente por ocupar esse lugar de hegemonia, “marcando, pois, de forma decisiva, o que se ensina e como se ensina o que se ensina”, nas palavras da autora, que o LD, na década de 1980 passa por um momento de crise no que tange às pesquisas que envolvem questões educacionais e linguísticas, sendo alvo de muitas críticas. Um exemplo de obra acadêmica que rompe com esse amálgama é “O texto na sala de aula”, do professor João Wanderley Geraldi (UNICAMP), que tem sua primeira edição datada em 1984. Desse modo, Geraldi sempre se opôs ao uso do LD por parte do professor, deixando sua posição política, ideológica e pedagógica muito clara nos seus trabalhos (Cf. Geraldi, 1991).

No entanto, foi em uma entrevista concedida a Ezequiel Theodoro da Silva (1987), que Geraldi teceu críticas ferrenhas ao objeto de nosso estudo. Seu argumento se fundamenta em algumas posições: I) “a alienação, por parte do professor, de seu direito de elaborar suas aulas”; II) “uma vez adotado, o LD passa a conduzir o processo de ensino: de adotado passa a adotar o professor e os alunos”; III) A adoção do LD pela disponibilidade de uma aula pronta; IV) A troca do LD por um livro “sem adjetivos”. Em resumo, o autor defende que o LD tira, de alguma maneira, a autonomia docente, uma vez que é nele que estão os conteúdos a serem seguidos e é nele, também, que estão dispostas atividades de língua e leitura literária. Uma das possíveis causas desse dilema talvez seja as péssimas condições de trabalho do professor, que não tem tempo de preparar os seus materiais autorais. Em contrapartida, uma das consequências disso é a percepção do LD como um material de verdade inquestionável que, ao invés de atuar como suporte, apresenta-se como uma “muleta pedagógica” (Silva, 1996, p. 11), assim,

Costumo dizer que, para uma boa parcela dos professores brasileiros, o livro didático se apresenta como uma insubstituível muleta. Na sua falta ou ausência, não se caminha cognitivamente na medida em que não há substância para ensinar. Coxos por formação e/ou mutilados pelo ingrato dia-a-dia do magistério, resta a esses professores

engolir e reproduzir a ideia de que sem a adoção do livro didático não há como orientar a aprendizagem. Muletadas e muleteiros se misturam no processo...

Nessa perspectiva, acreditamos que as polêmicas que norteiam o LD no Brasil se dão por algumas razões, mas a principal delas está envolvendo a formação do professor. São raras ou pontuais as discussões nas universidades que tratam dos critérios de escolha e dos usos dos materiais didáticos na escola. Essa conjuntura nos parece contraditória, pois independente da adoção ou não do LD, esse material estará ocupando as carteiras dos estudantes da escola básica do Brasil e é preciso um jogo de escolha criterioso para isso, cabendo à universidade estimular essas discussões. Em artigo intitulado “Contribuições ao debate sobre o material didático de Língua Portuguesa”, Suassuna (2009) pontua alguns princípios-base para realização da escolha do material, citando, dentre outros, o “reconhecimento do fenômeno da variação linguística”, a “relatividade dos usos linguísticos” e a “sistematicidade da linguagem”. Acrescentaríamos, também a esses princípios, a questão da leitura literária, a forma como a literatura é enxergada pelos autores do material, discussão elaborada posteriormente.

É nesse processo de construção crítica do LD, articulada com uma formação acadêmica consolidada, que o professor de português vai ter refinamento teórico para analisar um material didático ou ter a escolha de não fazer uso dele. O professor Clecio Bunzen (UFPE), ao discutir a questão das concepções, escolhas e usos do LD, parece ser bem flexível quanto a sua adoção, argumentando que, ao ser utilizado, o Livro Didático passa por um processo de adaptação, fazendo dele um objeto maleável (Bunzen, 2009), posição semelhante a de Oliveira (1984) quando discute que o professor seleciona o livro que dialoga com sua proposta de ensino, alterando e criticando, muitas vezes, aquilo que contradiz com sua metodologia. A ideia que se parece posta é que o investimento na formação docente se faz muito mais necessário do que em qualquer outro objeto que se coloque como didático, já que

O melhor dos livros didáticos não pode competir com o professor: ele, mais do que qualquer livro, sabe quais os aspectos do conhecimento falam mais de perto a seus alunos, que modalidades de exercício e que tipos de atividade respondem mais fundo em sua classe (Lajolo, 1997, p. 08).

Faz-se necessário que a escola, sobretudo na figura do professor de português, enxergue a língua como uma prática social humana, como um objeto que se dá na interação e na elaboração de discursos, tudo isso numa cadeia ininterrupta de produção de sentidos (Suassuna, 2009). Para enxergar além do telescópio, é preciso que as aulas de língua materna sejam significativas para as/os alunos e tenham como premissa fundamental a escrita e leitura de textos, articulando saberes já conhecidos e ir em busca de mais construções de conhecimento

da língua. E, para que isso se torne efetivo, é necessário que a universidade invista em discussões que abordem questões dessa vertente para que a figura do professor enxergue o LD como um meio e não como um fim em si mesmo. Quem sabe assim, o LD seja utilizado de maneira crítica, o professor tenha mais autonomia na construção de suas aulas e nos desprendemos da repetição de uma velha frase que sempre nos soou incômoda: o livro didático é um mal necessário (Suassuna, 2009).

Para fundamentar nossas contribuições aos estudos do LDP no Brasil, no item a seguir será analisado um volume aprovado no PNLD 2024 com o objetivo de articular o lugar que a literatura ocupa nele. Essa análise é fruto de um recorte do relatório parcial do projeto de pesquisa intitulado “Literatura infantil e juvenil nos livros didáticos do 6º ano: uma análise comparativa de duas edições do PNLD”, financiado pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do estado de Pernambuco (FACEPE) e integrado ao Grupo de Pesquisa em Educação Literária (GPEL), coordenado pelo professor Dr. Clecio Bunzen (UFPE-CE-DEC).

Os objetivos específicos da pesquisa, no entanto, são: (1) analisar quantitativamente e qualitativamente os autores, obras, editoras, gêneros e temáticas que organizam cinco volumes da 5ª série do PNLD 2005; (2) analisar quantitativamente e qualitativamente os autores, obras, editoras, gêneros e temáticas que organizam cinco volumes do 6º ano do PNLD 2024; (3) estabelecer comparações para percepção de semelhanças e diferenças entre o tratamento da literatura infantil e da literatura juvenil nos dez volumes analisados.

### **3 A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NO LDP DO 6º ANO: ANÁLISE DE 01 VOLUME DO PNLD 2024**

O volume do 6º ano da coleção “**Português Linguagens**” (Saraiva), de William Cereja e Carolina Dias Vianna, aprovada pelo PNLD 2024, apresenta o total de **23** textos literários, sendo 13 (**56,52%**) de obras editadas e publicadas para o público infantil e 01 (**4,34%**) para o público juvenil. Dessa forma, para ajudar na análise, o Quadro 01 apresenta algumas informações importantes para compreender melhor as informações no tange o espaço da literatura infantil da/na coleção.

#### **Quadro 01: Obras da literatura infantil no volume de 6º ano “Português linguagens” (2024)**

Obras da literatura infantil	Autoria	Editora/Site Mídia	Gênero literário	Texto literário
O melhor de La Fontaine	La Fontaine	Escrituras	Fábula	O leão e o rato
Fábulas	Monteiro Lobato	Globo	Fábula	O leão, o lobo e a raposa
Uma letra puxa a outra	José Paulo Paes	Companhia das letrinhas	Poema	Uma letra puxa a outra
Olha o bicho	José Paulo Paes	Ática	Poema	Raridade
Olha o bicho	José Paulo Paes	Ática	Poema	Sem barra
O mar	Elias José	<a href="https://eliasjose.com.br/o-mar/">https://eliasjose.com.br/o-mar/</a>	Poema	O Mar
Poesia futebol clube e outros poemas	Paulo Netho	Formato	Poema	Descoberta
Pequeno dicionário poético-humorístico ilustrado	Elias José	Paulinas	Poema	Zigue-zag
Morada do inventor	Elias José	<a href="https://novaescola.org.br/conteudo/3203/morada-do-inventor">https://novaescola.org.br/conteudo/3203/morada-do-inventor</a> . Acesso em: 15 abr. 2022.	Poema	Morada do inventor
Pera, uva ou maçã	Roseana Murray	Scipione	Poema	Máquina do tempo
Contos de Grimm: Branca de Neve e rosa vermelha e outras histórias	Irmãos Grimm	Manole	Conto maravilhoso	Os sete corvos
Felizes quase sempre	Antônio Prata	Editora 34	Conto	Felizes quase sempre
Não explicitado na coleção	Cristiane Arrais	<a href="https://crisarrais.blogspot.com/2013/11/turma-do-projeto-guisado-da-leitura.html">https://crisarrais.blogspot.com/2013/11/turma-do-projeto-guisado-da-leitura.html</a>	Teatro	O leão, o lobo e a raposa

Ao destacar o Quadro 01, é possível fazermos algumas considerações sobre o tratamento da literatura infantil na coleção do 6º ano. A primeira delas é em relação à autoria dos textos literários encontrados. Das obras voltadas para o público infantil, **10 (83,33%)** são de autoria masculina e **02 (16,67%)** de autoria feminina: Cristiane Arrais, representando o gênero **teatro**, e Roseana Murray, o **poema**. Nessa linha de pensamento, notamos a predominância de textos vernáculos, mas também há presença de escritores clássicos europeus, como La Fontaine (1621-1695), escritor francês, e dos irmãos Grimm, escritores alemães dos séculos XVIII e XIX.

Em relação aos gêneros literários, o **poema** ocupa lugar privilegiado (**61,54%**). A questão que se coloca, nesse caso, é como o tratamento desse gênero se dá no material em questão. Calil (2006), em pesquisa intitulada “Poesia na escola”, argumenta que o trabalho com a poesia na sala de aula está atrelado, entre outros problemas, a atividades com pretexto de realização de exercícios gramaticais, “deixando de lado o valor literário que, prioritariamente, os textos possuem” (p. 133). Esse questionamento também foi levantado pela professora Marisa Lajolo (UNICAMP) no texto “Poesia: uma frágil vítima da escola”, presente na obra “Do mundo da leitura para a leitura do mundo” (2002), na qual aborda a maneira empobrecedora que a poesia é vista pela escola. Nessa perspectiva, o volume de 2024 ainda concentra esses ideais tradicionais ao sugerir leituras de poemas, tirando de cena o trabalho estético, humanístico e cultural que é próprio do gênero.

Em segundo lugar, temos a fábula como gênero mais recorrente, totalizando **16,66%**. No que tange à autoria dessas fábulas, cujos os títulos dos textos foram explicitados no quadro 01, tem-se o escritor francês La Fontaine (1621-1695) e o escritor brasileiro Monteiro Lobato (1882-1948). Bagno (2006), ao tratar do gênero fábula, aborda que tal gênero “se encontra em praticamente todas as culturas humanas e em todos os períodos históricos” (p. 51). Durante suas ponderações, tece, de maneira breve, às contribuições de La Fontaine e de Monteiro Lobato para as narrativas “fabulosas”. O primeiro, considerado o mais importante fabulista da era moderna e o escritor da fábula mais conhecida do ocidente: “A cigarra e a formiga”. O segundo, que, além de recontar as histórias de Fedro e Esopo, foi escritor de fábulas de sua própria autoria, algumas delas presentes na obra literária “Fábulas”, da editora Globo. Os textos infantis presentes na coleção, estão, em termos quantitativos, distribuídos em: **10 (76,92%)** textos completos e **03** textos fragmentados (**23,07%**). É importante frisar que, além do volume agregar textos que são de versão impressa, há, também textos que circulam no meio virtual, como por exemplo, “O mar”, de Elias José; “Morada do inventor”, de Elias José; e “O leão, o lobo e a raposa”, de Cristiane Arrais.

**Quadro 02: textos da literatura infantil no volume de 6º ano “Português linguagens”  
(2024)**

Página	Texto literário	Autoria	Completo ou fragmentado	Acompanha ilustração?
14-15	Os sete corvos	Irmãos Grimm	Completo	Sim

58-61	O leão, o lobo e a raposa	Cristiane Arrais	Completo	Sim
66-68	O leão, o lobo e a raposa	Monteiro Lobato	Completo	Sim
75	Uma letra puxa a outra	José Paulo Paes	Completo	Não
75	Raridade	José Paulo Paes	Completo	Sim
77	Sem barra	José Paulo Paes	Completo	Sim
109	Descoberta	Paulo Netho	Completo	Sim
144	Zigue-Zag	Elias José	Completo	Sim
168	Morada do inventor	Elias José	Completo	Sim
257	Máquina do tempo	Roseana Murray	Completo	Sim
74	O leão e o rato	La Fontaine	Fragmentado	Sim
106	O mar	Elias José	Fragmentado	Não
36-37	Felizes quase sempre	Antônio Prata	Fragmentado	Sim

Da seleção, **03 textos (23,07%)** são tidos como principais, sendo eles: **“Os sete corvos”**, dos irmãos Grimm; **“Felizes quase sempre”**, de Antonio Prata; e **“O leão, o lobo e a raposa”**, de Cristiane Arrais. Foi possível também observar que **12 (92,31%)** dos textos infantis são trazidos para o volume para realizar atividades de língua, exceto o texto “O mar”, de Elias José, encontrado na página 106. Em relação às atividades de leitura literária, 09 textos **(69,23%)** estão com esse fim, exceto os textos “O leão e o rato”, de La Fontaine (p. 74), “Uma letra puxa a outra”, de José Paulo Paes (p.75), “Raridade”, de José Paulo Paes (p. 75) “O mar”, de Elias José (p. 106).

### **Quadro 03: Obra da literatura juvenil no volume “Português Linguagens” (Saraiva)**

<b>Obra da literatura juvenil</b>	<b>Autoria</b>	<b>Editora/Site Mídia</b>	<b>Gênero literário</b>
Aos poucos fico louco	Ulisses Tavares	Globo	Poema

Ao destacar o Quadro 03, é possível fazermos algumas considerações sobre o tratamento da literatura juvenil na coleção do 6º ano “**Português Linguagens**” (Saraiva), de William Cereja e Carolina Dias Vianna. A primeira delas é em relação à autoria do texto literário encontrado. Assim, o texto literário juvenil encontrado na obra foi escrito por Ulisses Tavares (1950-2024), poeta e jornalista brasileiro. Ulisses Tavares publica, em 1977, seu primeiro livro de poemas, *Pega Gente* (Editora Pindaíba), que o faz um dos principais expoentes do movimento de poesia marginal. Inicia, assim, uma trajetória que inclui romances infanto-juvenis, poesias, letras de música, ensaios e histórias em quadrinhos. Na década de 1980, fez experiências com eletro poesia e videopoemas (estes com Fernando Coelho). Com formação em publicidade e tecnologia da informação, alia crítica social a uma linguagem urbana e coloquial<sup>2</sup>. Em relação ao gênero literário apresentado no volume do 6º ano para o público juvenil, o **poema** ocupa lugar único. O texto “1,75 de não faça isso” presente na coleção está completo, não-acompanhado de imagem, é considerado um texto secundário e, logo após a leitura, há a presença de atividades de língua e para a realização de atividades com a leitura literária.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos dados analisados, é possível constatar que o critério sistemático ao escolher um LD se faz necessário, não havendo espaço para espontaneísmo. Para isso, é preciso levar em consideração o tratamento que ganha a literatura na obra: se ela está usada apenas pelo pretexto de estudos gramaticais, se há diversidade textual, um olhar global para os escritores e editoras, se há presença de textos literários escritos por indígenas, mulheres, pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ e tantas outras minorias sociais, lembrando-se sempre que

questionar os materiais didáticos é questionar o próprio ensino que neles se cristaliza. Ensino e Livro Didático não têm existência isolada, ao contrário, se encaixam numa tradição da escola brasileira, que se reproduz na engrenagem da sociedade brasileira, que por sua vez integra outras engrenagens (Bunzen, 2000, p. 02).

#### 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, A. G.; ROJO, R.; ZÚÑIGA, N. C. Produzindo livros didáticos em tempos de mudança (1999-2002). In: VAL, M. G. C.; MARCUSCHI, B. (Orgs.). *Livros didáticos de língua portuguesa: letramento e cidadania*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

---

<sup>2</sup>Ver ULISSES Tavares. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/1106-ulisses-tavares>. Acesso em: 15 de maio de 2025. Verbete da Enciclopédia.

BAGNO, Marcos. Fábulas fabulosas. Em CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (org.). Práticas de leitura e escrita. Brasília: MEC, 2006. p. 50-53.

BUNZEN, C. S. Livro didático de Língua Portuguesa: um gênero do discurso. (Dissertação de Mestrado) Unicamp, Campinas, 2005.

BUNZEN, Clecio. (2000). O tratamento do conceito de gramática nos livros didáticos. In: Ao pé da letra, Revista dos alunos de Graduação em Letras. Volume 2. UFPE.

BUNZEN, C. S. Dinâmicas discursivas na aula de português: os usos do livro didático e projetos didáticos autorais. 2009. 233 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

CALIL, E. Poesia na escola. Em: CARVALHO, M. A. F.; MENDONÇA, R. H. (org.). Práticas de leitura e escrita. Brasília: MEC, 2006. pp. 132-134.

GERALDI, J. W. (Org.) O texto na sala de aula: leitura e produção. 1. ed. Cascavel: ASSOESTE, 1984.

GERALDI, J. W. Portos De Passagem. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GERALDI, J. W. Livro didático de língua portuguesa: a favor ou contra? Entrevista a Ezequiel Theodoro da Silva. Em: Leitura- teoria e prática, ano 6, nº9, jun./1987, pp. 4-7.

LAJOLO, M. Livro didático: um (quase) manual de usuário. Em Aberto, Brasília, v. 16 n. 69, p. 3-9, jan./mar. 1996.

LAJOLO, M. Poesia: uma frágil vítima da escola. In.: \_\_\_\_\_. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. 6.ed. São Paulo: Ática, 2002. pp. 41-51.

LIMA, E. G. Para compreender o livro didático como objeto de pesquisa. Revista Educação e Fronteiras on-line, v. 02, p.143-155, 2012.

LIMA, H. K. C. O lugar da discussão sobre livro didático na formação inicial do professor de português. REVISTA ENCONTROS DE VISTA, v. 17, p. 57-66, 2016.

OLIVEIRA, J. B. A. et al. A política do livro didático. 2. ed. São Paulo: Summus; Campinas: editora da UNICAMP, 1984.

SILVA, E. T.. Livro didático: do ritual da passagem à ultrapassagem. Em Aberto, Brasília, ano 16, n. 69, 1996, p. 11-15.

SOARES, M. B. Português na escola: história de uma disciplina curricular. In: BAGNO, Marcos (Org.). Linguística da norma. São Paulo: Loyola, 2002b, p. 155-177.

SUASSUNA, L. Ensaios de Pedagogia da Língua Portuguesa. 2. ed. Recife, PE: Editora da UFPE, 2009. v. 1. 220p.

ULISSES, T. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/1106-ulisses-tavares>. Acesso em: 15 de maio de 2025. Verbete da Enciclopédia.